

# AS BENZEDEIRAS E SUAS FALAS NA PESQUISA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

## THE HEALERS AND THEIR SPEECH IN RESEARCH: A SYSTEMATIC REVIEW

Mateus Rocha da Silva Pereira 1

Tainá Gomes da Silva 2

Ida Vanderlei Tenório 3

**Resumo:** Realizamos uma revisão sistemática com estudos publicados entre os anos de 1990 a 2020 que incorporaram a oralidade de mulheres benzeadeiras em suas publicações científicas para entender a representação do registro dessas falas na pesquisa. Essa revisão foi realizada nas bases do Science Direct, SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e Google Scholar, com base nas recomendações do método PRISMA seguindo as etapas de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. Utilizamos o Software IRAMUTEQ para as análises textuais. E então evidenciamos o número dos trabalhos que fizeram o registro da oralidade, discutimos o que as principais falas representam para o contexto da benzeção e buscamos valorizar as falas das mulheres benzeadeiras em mais publicações científicas.

**Palavras-chave:** Tradição. Oralidade. Protagonistas Mulheres.

**Abstract:** We conducted a systematic review with studies published between the years 1990 and 2020 that incorporated the orality of women healers in their scientific publications to understand the representation of the record of these speeches in research. This review was conducted in Science Direct, SciELO, Portal de Periódicos da CAPES and Google Scholar, based on the recommendations of the PRISMA method following the steps of identification, selection, eligibility and inclusion. We used the IRAMUTEQ software for the textual analyses. And then we showed the number of works that registered the orality, discussed what the main speeches represent for the context of the blessing and sought to value the speeches of women healers in more scientific publications.

**Keywords:** Tradition. Orality. Women Protagonists.

- 
- 1 Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0075321811876221>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2454-5462>. E-mail: eupereira.info@gmail.com
  - 2 Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9348610690898339>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9684-3106>. E-mail: gomes.taina2009@hotmail.com
  - 3 Doutoranda em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente pela Universidade Araraquara (UNIARA). Mestre em Recursos Pesqueiros e Aquicultura pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduada em Agronomia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Professora assistente na UNEAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7592590835128475>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4400-5594>. E-mail: ida.tenorio@uneal.edu.br

## Introdução

Cada vez mais, questões atuais são investigadas nas áreas das ciências em busca de respostas (ARAÚJO; GOUVEIA, 2018). Com os avanços científicos, podemos entrar em contato com grandes mudanças na forma de pensar, investigar e compreender o nosso cotidiano (NASCIMENTO *et al.*, 2013). Sendo assim, muitos fatores podem influenciar a ciência (éticos, sociais e culturais) no sentido de direcionar quais temáticas serão investigadas e quais abordagens serão adotadas na pesquisa (ARAÚJO; GOUVEIA, 2018).

Uma dessas abordagens para pesquisa é a história oral, sendo mais comum às áreas das ciências humanas onde sofre influências da tradição oral, da biografia, da linguagem falada e dentre outras (ALBERTI, 2005). Em nosso país, essa abordagem considerada interdisciplinar ganha força de movimentos populares e sociais (FREITAS, 2006), como, por exemplo, da benzeção. Por isso a importância dos conhecimentos tradicionais que contribuem para o resgate cultural que resiste ao tempo em culturas diferentes (KOSMASKI, 2018).

Considerada uma prática de cura, a benzeção pode ser usada tanto a nível físico como espiritual e está presente em várias culturas (MOURA, 2011). Quem possui a habilidade, homem ou mulher, é considerado capaz de tratar, benzer e curar através de seus rituais de fé (LAPLANTINE; RABEYRON, 1989), embora existam outras definições disponíveis. Sobretudo, são considerados profissionais da medicina tradicional que atuam apenas como intermediários entre o doente e o doente (MOURA, 2011).

Essa prática, assim como outras manifestações de origem religiosa, surgiu no Brasil com o início da colonização, com a junção do conhecimento de variadas culturas religiosas que residiam em comunidades rurais (MENDES; CAVAS, 2018). A prática então conseguiu boa adaptação e continuou resistindo entre as gerações, principalmente através de experiências intuitivas e/ou dos ensinamentos de benzedeiros(as) mais experientes (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015).

A popularização desse fenômeno se deve fortemente a oralidade e a gestualidade onde estão suas principais formas de manifestação, assim como para a transmissão de conhecimentos (PORTUGUAL, 1987). A oralidade faz com que diferentes saberes, frutos de variados povos, sejam mantidos na nossa cultura de forma versátil (MOURA, 2011). Por ser passível de mudança, a oralidade tem sido investigada como aspecto importante em muitos estudos de benzeção pelo país (CÂMARA *et al.*, 2016; SIQUEIRA, 2021).

Assim como também tem sido evidenciado em trabalhos a predominância de benzedoiras mulheres (MOREIRA; WOLLF, 2001; BRAGA, 2005). Mulheres estas, que foram reprimidas por seus rituais de saúde durante muito tempo, da mesma forma que por sua posição social em simplesmente serem mulheres (EHRENREICH; ENGLISH, 1973). Nesse contexto, por se tratar de uma prática antes negligenciada e agora explorada, nós acreditamos que esse estudo tem potencial para valorizar e continuar dando voz as falas de protagonistas sociais como as de mulheres benzedoiras.

Aqui realizamos uma revisão sistemática com estudos que incluíram falas de entrevistadas benzedoiras em suas publicações e investigarmos seus contextos e limitações para a pesquisa.

## Metodologia

### Tipo de estudo

Esta revisão sistemática trata-se de um estudo quali-quantitativo foi e baseada no método PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis) para organizar as buscas na literatura (LIBERATI *et al.*, 2009). Nós buscamos responder as seguintes perguntas aqui: 1) Pesquisas científicas buscam registrar a oralidade das benzedoiras? Como esse registro tem sido feito? e 2) O que os registros de oralidade tem a nos dizer sobre essas protagonistas sociais?

### Estratégias de busca

Utilizamos quatro das principais bases de dados on-line: 1) Science Direct ([www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)), 2) SciELO (<https://scielo.org/>), 3) Portal de Periódicos da CAPES (<https://www.periodicos.capes.gov.br/>) e 4) Google Scholar (<https://scholar.google.com.br/>). Foram usadas as seguintes combinações como palavras-chave: (fala + benzedeadas + brasil), (representação + benzedeadas + brasil), (mulheres + benzedeadas + brasil), (entrevista + benzedeadas + brasil), (etnobotânica + benzedeadas + brasil). Optamos por usar a palavra “benzedeadas” devido a predominância feminina dessas protagonistas, juntamente a nossa intenção de valorizar as histórias femininas.

## **Critérios de seleção**

Foram selecionados com base na leitura dos títulos e resumos todo e qualquer estudo disponível nas bases de dados que atendessem aos critérios: 1) Trabalhos escritos em português com benzedeadas brasileiras; 2) Trabalhos publicados no período entre 1990 a 2020; e 3) Trabalhos que apresentassem no título ou resumo pelo menos duas das palavras-chave pesquisadas.

## **Critérios de elegibilidade**

Todos os estudos selecionados durante a etapa anterior foram baixados, lidos e selecionados apenas aqueles que: 1) Descrevessem os procedimentos metodológicos de forma clara na seção de métodos; 2) Apresentassem nomes ou pseudônimos das benzedeadas explícitos no texto; 3) Estivessem com pelo menos três benzedeadas entrevistadas durante a pesquisa; e 4) As falas das entrevistadas deveriam vir de forma clara, objetiva, destacadas no corpo do texto com aspas, itálico ou recuo especial.

Além disso, para fins de maior segurança para análise e credibilidade das informações, optamos por continuar somente com os artigos científicos.

## **Coleta das informações**

Extraímos informações como título do estudo, autores, ano de publicação, idade das benzedeadas, escolaridade, religião, origem de aprendizado da prática e por fim as falas registradas integralmente.

## **Análise dos resultados**

Levou-se em consideração o número e qualidade de estudos encontrados para cada uma das quatro bases de dados pesquisadas. Com exceção das falas (que foram copiadas e mantidas em um único documento de texto, para formar conjuntos de segmentos textuais, conhecido por “corpus textual”), todos os dados coletados foram mantidos em uma planilha para análise.

A análise do corpus textual foi realizada por meio da ferramenta IRAMUTEQ (RATINAUD, 2009).

## **Resultados**

### **As publicações**

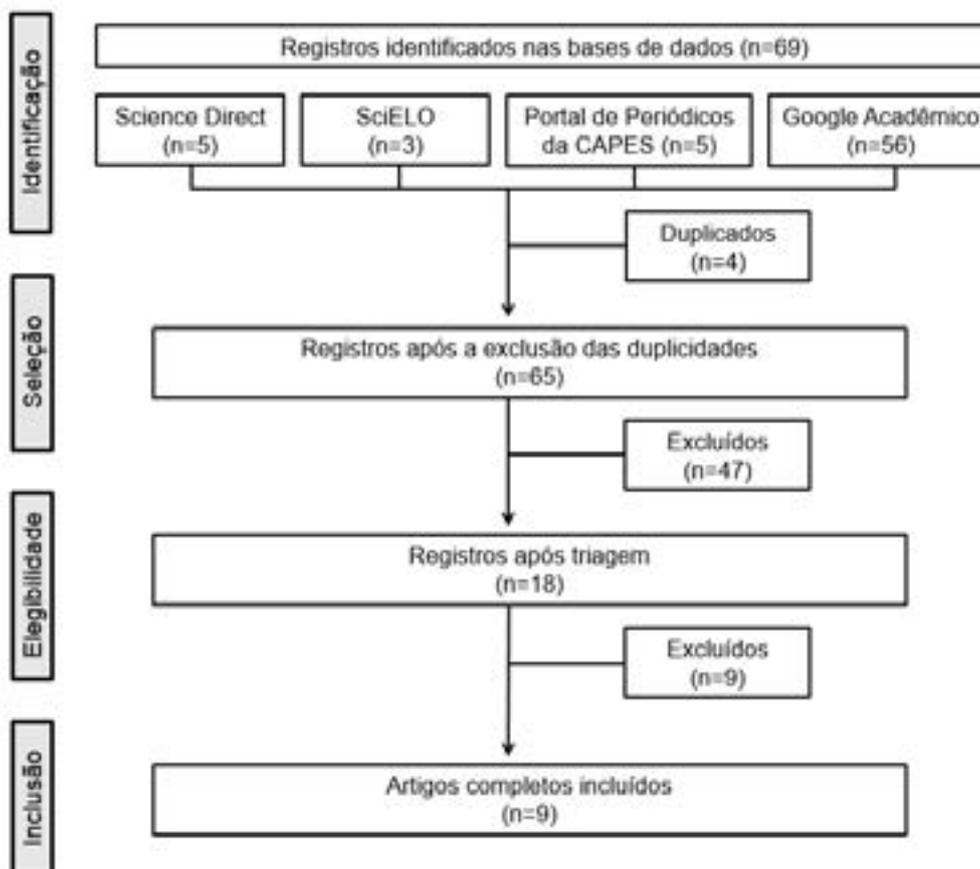
No total encontramos 69 estudos incluindo artigos originais, resumos em anais, trabalhos de conclusão de curso (TCCs), dissertações, teses, livros e capítulos. Onde cinco estudos foram encontrados no Science Direct, três no SciELO, cinco no Portal de Periódicos da CAPES e 56 foram

encontrados no Google Acadêmico.

Em seguida, excluímos quatro estudos por se tratarem de cópias e 47 cujos títulos ou resumos não se enquadravam nos critérios de seleção adotados. Fizemos uma leitura criteriosa de todo material e selecionamos aqueles que atenderam aos critérios de elegibilidade, um total de 9 estudos.

Dessa forma, apesar de muitos estudos estarem disponíveis em diversas formas de publicação, optamos por acessar de forma mais objetiva e padronizada o registro da oralidade das benzedeadas com o rigor de uma revisão.

Figura 1. Fluxograma das etapas da revisão sistemática com base no método PRISMA



Fonte: Dados trabalhados pelos autores.

## Breve perfil das benzedeadas

Nos artigos (**tabela 1**), as protagonistas foram sobretudo mulheres mais velhas, variando entre os 39 e 91 anos de idade, com baixos níveis de escolaridade, apesar de percebermos a carência dessa informação em alguns estudos. Eram pertencentes a religião católica, em sua maioria, mas também tinham aquelas que afirmavam ser da umbanda, espírita e em menor número evangélica. Apenas um estudo não mencionou a religião.

Tabela 1. Lista de artigos selecionados após as etapas de revisão

ARTIGOS	AUTORES	ANO
Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar	MACIEL, M. R. A.; GUARIM-NETO, G.	2006

Incorporação do saber de parteiras e benzedeadas às práticas de saúde	BORGES, M. S.	2008
Representações sociais de parteiras e benzedeadas sobre o cuidado	BORGES, M. S. <i>et al.</i> ,	2009
Velhas benzedeadas	HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T.	2012
Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeadas na atenção à saúde da criança	MEDEIROS, R. E. G. <i>et al.</i>	2013
Benzedeadas, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzedeadas	HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T.	2015
Desfazendo o “Mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeadas	MARIN, R. C.; SCORSOLINI-COMIN, F.	2017
Memórias e saberes das benzedeadas velhas de Palmas e Porto Nacional/TO	CERICATTO, S. K. <i>et al.</i>	2019
Benzimentos e benzedeadas: um estudo etnográfico sobre recursos terapêuticos tradicionais	MARTA, I. E. R. <i>et al.</i>	2019

---

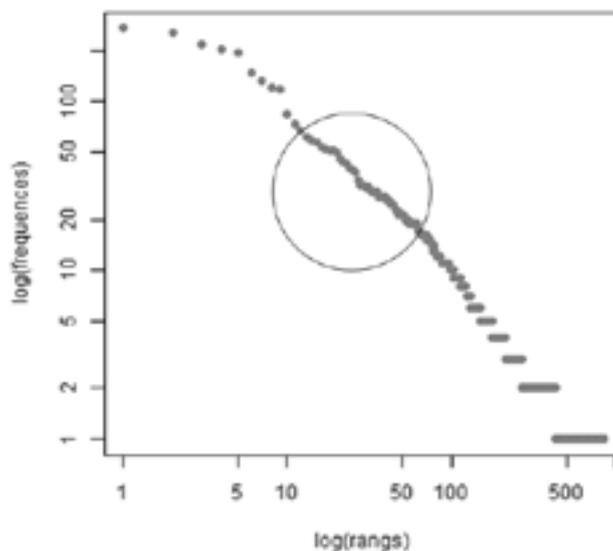
**Fonte:** Dados trabalhados pelos autores.

Quando investigado sobre a origem de aprendizagem da benzedeadas, a maioria dos estudos informavam ter acontecido por meio de familiares, principalmente durante a infância. Ou individualizada, ou seja, por meio de experiências intuitivas pessoais, também durante a infância. Um artigo relatou ter ocorrido através do espiritismo. Já outros não mencionaram qual origem e forma de aprendizado da benzedeadas.

## O corpus textual

Utilizamos o gráfico do diagrama de Zipf para nos ajudar a visualizar a frequência de ocorrência que uma determinada forma ou palavra aparece e a quantidade de palavras ou forma que se repetem no corpus textual (**figura 2**). E assim atentarmos às principais palavras e discutirmos seus contextos na pesquisa.

Figura 2. Diagrama de Zipf com a frequência e distribuição das palavras analisadas

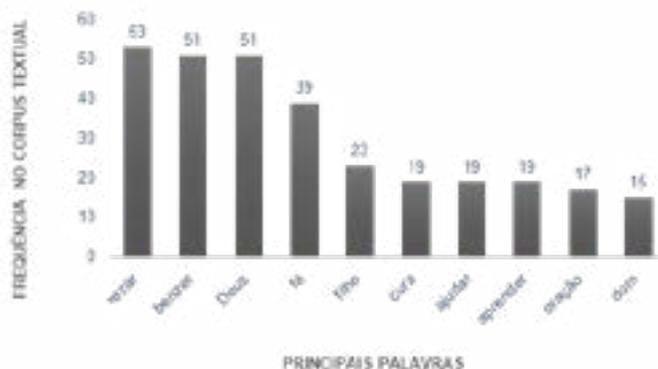


Fonte: Software IRAMUTEQ.

Esse gráfico contém informações importantes sobre as palavras que vamos trabalhar nesta revisão. Nele, podemos constatar por exemplo que, cerca de 15 a 20 palavras (eixo *rangs*) sofreram entre 15 e 50 repetições no texto (eixo *frequences*). Com isso, podemos entender quais palavras possuíam alta frequência de registro nos artigos.

Partindo dessa análise, escolhemos as palavras mais significativas cuja repetição variou entre 15 e 53 vezes no corpus textual (figura 3). Esse número foi escolhido em relação aos contextos na narrativa, já que quanto maior a repetição, maior também a falta de contexto (por exemplo, quanto maior o número de palavras, maior a frequência de artigos, pronomes, preposições etc.).

Figura 3. Principais palavras encontradas no corpus textual



Fonte: Dados trabalhados pelos autores.

## Discussão

Por ser uma prática atrelada a religiosidade de diferentes culturas, a influência da religião é capaz de adicionar uma camada sagrada a esse tipo de conhecimento popular (LEMOS, 2012). Esse fator contribui para fortalecer o senso comum sobre a efetividade da benzeção, mas não só isso, como também para causar grande identificação com o público. Dessa forma, a religião de forma intrínseca para as benzedoras acaba colaborando para a manutenção da sua prática, e existindo,

portanto, inúmeros jeitos conhecidos de benzer e de benzedeiros (AZEVEDO, 2016).

Em seu capítulo de livro sobre o perfil de uma benzedeira, Lemos (2010, p.9), complementa:

Existem várias modalidades religiosas de benzedeiros, entre as quais estão: católica, crente, kardecista, umbandista e esotérica. As variações entre essas modalidades de benzedeiros são significativas, vão desde o modo como elas se definem e se apresentam para a clientela, o tipo de clientela, a utilização dos recursos terapêuticos, até à questão da remuneração profissional (LEMOS, 2010, p. 9).

Por outro lado, existem também as variações de palavras, como o “benzer”. Mesmo seguindo alguns autores quando explicam que o ato de benzer estaria limitado ao sinal da cruz (DEMETRIO, 2016), e que a “reza” significaria um conjunto de orações aprendidas (SOUSA *et al.*, 2021), não deixamos de notar a grande similaridade dessas palavras. Da mesma forma, outras benzedeiros podem entender a palavra reza como correspondente do “ato de benzer” (SOUSA *et al.*, 2021). Ou seja, são duas verbalizações muito faladas nos artigos e que podem corresponder as diferenças culturais de cada cidade ou região, mas não deixam de compartilhar do mesmo propósito.

Como já foi dito antes, a maioria das benzedeiros encontradas nessa pesquisa são de religião católica, e mesmo quem não pertencia ao catolicismo tinha a “Deus” como centro da sua prática. Nesse caso, a crença em Deus se faz indispensável para consolidar a benção (LÉVI-STRAUSS, 1975), pois assim não se costuma duvidar das práticas mágicas e religiosas quando estas se sustentam na sua própria eficácia, que por sua vez está ligada ao Divino. Então os realizadores da cura devem acreditar em suas próprias técnicas e conhecimentos, da mesma forma que os doentes devem acreditar na sua cura (LÉVI-STRAUSS, 1975).

Essa “fé” constante, independente da religião, foi considerada parte indispensável para a cura (MARTA *et al.*, 2019). É somente assim, envolvido nesse fenômeno intenso e pessoal de fé no Sagrado (MACEDO, 2017), para que a cura seja materializada. Deve ser manifestada como testemunho pela benzedeira (FISICHELLA, 2000) em um relacionamento interpessoal com Deus (ARBOITH, 2008). Além disso, ambos, benzedeira e benzido, devem compartilhar da mesma crença na cura, por meio de sua fé em Deus, para que esse ritual tenha efeito esperado (SILVA, 2014).

Em outro momento, quando as benzedeiros se referem aos “filhos” normalmente estão se referindo as crianças ou recém nascidos cuja procura é significativa para a benção. Dentre a procura, se destacam três males principais: o quebranto ou mau-olhado, o vento virado e a arca caída ou espinhela caída (CERICATTO *et al.*, 2019). Isso pode ser explicado porque muitas benzedeiros concordam entre si sobre a existência de doenças destinadas apenas às benzedeiros e outras à médicos, já que certas doenças envolvem particularidades para além dos sintomas físicos (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012; SIUDA-AMBROZIAK, 2018).

Nesse sentido, os tratamentos modernos não estão para excluir os tradicionais (LIMA, 2020), mas a permanência de práticas de cura como o uso de chás, rituais e palavras mágicas apenas reforçam a importância de formas alternativas de saúde que estão mais próximos da realidade local. Por despertar grande urgência, entendemos que os filhos (geralmente crianças), agilizam a capacidade de recorrer a todos os meios possíveis. Ainda mais estando sobre a dificuldade do acesso aos profissionais de saúde, como acontecia antigamente, onde os filhos muitas vezes acabavam adoecendo e causavam grande angústia a esses pais (MEDEIROS *et al.*, 2013).

Já o fenômeno da “cura” emerge de uma construção mais complexa para as benzedeiros, cheia de significâncias para se entender a causa e cura da doença (ARAGÃO; RODRIGUES, 2020). Por exemplo, Silva e Farinha (2012, p.76), explicam que “a cura por meio do benzimento significa ter consciência que o corpo e a alma são inseparáveis, ou melhor, a cura é um procedimento para ajustar um desequilíbrio espiritual, que se manifesta exteriormente”. Mais do que isso, percebemos que quando mencionavam a palavra cura, não estavam apenas se referindo a um milagre, mas sim fazendo sentido ao seu propósito de vida, a sua fé e a toda sua trajetória.

Por isso que o ato de benzer faz parte de uma missão em “ajudar” na vida do próximo, sendo algo de grande gratificação para as benzedeiros (FÜHR, 2016), tendo como objetivo de contribuir

para a cura de doenças e problemas. Quando orientado por algumas benzedeiros, a cura vai além de rezas, mas são praticadas um conjunto de diversos outros meios terapêuticos, como a oferta de uma escuta atenta, aconselhamentos, orientações no uso de plantas, chás, banhos, garrafadas etc (ROCHA, 2014).

Quanto ao modo de “aprender” o ato/ofício de benzer, este conhecimento que é passado de geração em geração (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012), geralmente está relacionado a pessoas do círculo íntimo, como parentes e amigos, mas é informado também que as pessoas são escolhidas por Deus (CERICATTO *et al.*, 2019). Segundo Ferreira e Siqueira (2021), é importante salientar que a prática de benzer é realizada e praticada geralmente por pessoas mais velhas que aprenderam com suas mães e/ou avós.

Já as “orações” realizadas com as rezas estão geralmente associadas a instrumentos como faca, tesouras, agulhas e outros (SIUDA-AMBROZIAK, 2018). Esses, por sua vez, vão de acordo com a cultura local de cada benzedeira (NASCIMENTO; SILVA, 2019). As orações são em sua maioria proveniente da igreja católica e existem orações específicas para cada doença, assim como o modo de realização, por exemplo: o ato da oração é realizado em voz baixa em alguns casos (MACIEL; GUARIM-NETO, 2006).

Para Nery (2006), essa é uma forma de expressar a sua fé, para cura e proteção. Por meio da qual a alma fica mais próxima de Deus, pois é proveniente de Deus os ensinamentos de tais orações (NERY, 2006).

Por fim, as benzedeiros se referiram ao “dom” para exercer sua prática. Essa habilidade entendida como dom, pode ser percebido como uma missão, algo herdado de membros de suas próprias famílias (SIUDA-AMBROZIAK, 2018), para carregar ao longo de sua vida. A descoberta de que porta a habilidade faz da benzedeira uma agente social com reconhecimento especializado para a comunidade (MARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2017). Logo, sua identidade pode ser reinterpretada e deve começar a incorporar novas experiências daí em diante (MARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2017).

Sobre essas mudanças, Cunha e Gonçalves (2017, p.273) discutem que:

Ter o status de uma benzedeira faz dela uma pessoa de destaque no meu meio social e lhe são atribuídas, além das dádivas, algumas posturas, mesmo no que diz respeito a sua vida pessoal, que a comunidade espera que ela tenha. Junto ao ofício, vem também uma mudança de comportamento, já que agora ela passa a ser considerada, respeitada e admirada pelo seu dom e, como esse dom diz respeito ao universo mágico-religioso, a sociedade tende a percebê-la como alguém muito ligada ao sagrado, dando-lhes atributos imaculados, distanciando-as da possibilidade de um convívio estreito com as coisas profanas (CUNHA; GONÇALVES, 2017, p.273).

Pela forma como é herdada em alguns casos, fica claro que a forma de transmissão da benzeção pode continuar dando continuidade a prática (NOGUEIRA *et al.*, 2012).

Dessa forma, podemos ter um norte sobre o que está sendo feito na área da benzeção, como está sendo o registro da oralidade e sua discussão na pesquisa.

Contudo, a pesquisa com a história oral pode ser complicada e tida como algo que pode ser aprimorada cada vez mais com a prática do pesquisador (FREITAS, 2006), por isso podemos buscar avançar mais nos estudos de oralidade no Brasil. Em seu livro intitulado “História oral: possibilidades e procedimentos”, a autora Freitas (2006), discorre sobre as muitas experiências que teve com seus trabalhos de fontes orais, relatando desde reflexões teórico-metodológicas até a prática da entrevista e a transcrição das falas do trabalho em campo.

O livro pode ser uma boa fonte de pesquisa para quem pretende começar seus trabalhos com história oral ou melhorar suas práticas, tendo em vista a importância de investigar e valorizar nossas identidades e memórias brasileiras.

## Considerações Finais

Mesmo com inúmeros trabalhos disponíveis na literatura pesquisada, poucos artigos tiveram a qualidade adequada para essa revisão. São trabalhos que muitas vezes não deixam claro seus procedimentos metodológicos e o gênero dos(as) entrevistados(as) ou não procuraram registrar as falas das benzedeadas. Isso evidencia principalmente a carência dos dados qualitativos em artigos científicos, sempre que possível, para complementar os resultados quantitativos de uma coleta de dados habitual.

No entanto, a realização de entrevistas livres fez toda a diferença entre a maioria dos artigos escolhidos. Esse tipo de metodologia mais aberta a história oral e que foge do questionário semiestruturado é uma ótima escolha, pois permite a valorização de saberes que estão para além das plantas medicinais usadas, doenças tratadas ou rituais de cura realizados. Com o registro da oralidade das benzedeadas, podemos conhecer uma parte de suas trajetórias de vida, suas crenças, suas angústias e valorizar esse seu protagonismo como transformadoras sociais.

As falas evidenciam suas trajetórias pessoais únicas, apresentam conceituações de palavras que estão diretamente ligadas a vivências. Questões que permeiam desde a prática da benzeção, a crença fiel ao Deus, as preocupações com os filhos e com o ofício, o início com a benzeção até sua preocupação em manter a tradição entre as futuras gerações. Mostrando que existem valores culturais mais importantes do que apenas plantas ou a religião a que estão vinculadas.

Por isso, incentivamos e valorizamos cada vez mais o registro na íntegra de relatos de mulheres benzedeadas na pesquisa científica.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ARAGÃO, Patrícia Cristina; RODRIGUES; Franciel dos Santos. Vozes que curam e vozes que narram: o ritual de cura na voz da rezadeira Nazaré. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 324-339, 2020.

ARAÚJO, Andréa; GOUVEIA, Luis Borges. Pressupostos sobre a pesquisa científica e os testes piloto. **Relatório Interno 02/2018**. Lisboa: Universidade Fernando Pessoa, 2018.

ARBOITH, Felipe Barroso. **O conceito de fé na teologia fundamental cristã**. Cachoeira do Sul: Ed. FAPAS, 2008.

AZEVEDO, Gilson Xavier. As Relações entre a Cultura Popular e as Benzedeadas. **Fragmentos de Cultura: Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 26, n. 2, p. 231-238, 2016.

BORGES, Moema da Silva *et al.* Representações sociais de parteiras e benzedeadas sobre o cuidado. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 257-263, 2009.

BORGES, Moema Silva. Incorporção do saber de parteiras e benzedeadas às práticas de saúde. **Comunicação em Ciências da Saúde**, Brasília, v. 19, n. 04, p. 323-332, 2008.

BRAGA, Gesline Giovana. A fotografia no imaginário das benzedeadas de Campo Largo. **Discursos Fotográficos**, v. 1, n. 1, p. 253-280, 2005.

CÂMARA, Yls Rabelo *et al.* Das bruxas medievais às benzedeadas atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar-uma pesquisa exploratória. **Boitatá**, v. 11, n. 22, p. 231-236, 2016.

CERICATTO, Soely Kunz *et al.* Memórias e saberes das benzedeadas velhas de Palmas e Porto Nacional/TO. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 2, p. 8-24, 2019.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES, Clézio Roberto. A magia das benzeções e suas vozes. **Cadernos do CNLF**, v. 21, n. 3, p. 264-279, 2017.

DEMETRIO, Aguida Meneses Valadares. "A cura: pelas mãos ou pela fé?" Técnica e a fé nas manifestações culturais na Zona Rural de Manaus-AM. **Revista Cronos**, v. 17, n. 1, p. 135-150, 2016.

EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Brujas, parteiras e enfermeiras: uma história das curandeiras**. EUA: Ed. The Feminist Press, 1973.

FERREIRA, Teresinha de Jesus; SIQUEIRA, Antônio Marcos de Oliveira. A função social do trabalho de mulheres negras benzedoras e rezadeiras moradoras da microrregião de viçosa/minas gerais. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 12. Anais Eletrônicos [...]* Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: <https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/site/anais>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FISICHELLA, Rino. **Introdução à teologia fundamental**. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2006.

FÜHR, Fabiane. O documentário Benzedoras: ofício tradicional como uma forma de retratar a cultura popular e os ofícios tradicionais. **Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 20, p. 141-151, 2016. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/issue/view/3/showToc>. Acesso em: 11 fev. 2022.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. **Guaju**, v. 1, n. 2, p. 110-126, 2015.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. Velhas benzedoras. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 2, p. 126-140, 2012.

KOSMANSKI, Lindolfo. **Benzedoras e seus conhecimentos sobre plantas medicinais: o conhecimento tradicional como contribuição ao ensino de ciências da natureza nas escolas do campo**. 2018. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade Federal Do Paraná, UFPR, Paraná, 2018.

LAPLANTINE, François; RABEYRON, Paul-Louis. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

LEMOS, Carolina Teles. O perfil de uma benzedora: aliança entre chás, "provas" e partos no cotidiano da vida camponesa. *In: Ainda o Sagrado Selvagem*. (Org.) Adailton Maciel Augusto. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. p. 302-320.

LEMOS, Carolina Teles. **Religião e tecitura da vida cotidiana**. Goiás: Ed: PUC Goiás, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1975.

LIBERATI, Alessandro *et al.* The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. **Journal of clinical epidemiology**, v. 62, n. 10, p. 1-34, 2009.

LIMA, Itamar da Silva. **Benzedoras-fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde**. Belo Horizonte: Ed. Dialética, 2020.

MACEDO, Edir. **O despertar da fé**. Rio de Janeiro: Ed. Unipro, 2017.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM-NETO, Germano. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 1, p. 61-77, 2006.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desfazendo o “mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeadas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, n. 2, p. 446-460, 2017.

MARTA, Ilda Estefani Ribeiro *et al.* Benzimentos e benzedeadas: um estudo etnográfico sobre recursos terapêuticos tradicionais. *Revista CIAIQ*, v. 2, p. 1080-1089, 2019.

MEDEIROS, Rafael Eduardo Gurgel de *et al.* Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeadas na atenção à saúde da criança. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 23, p. 1339-1357, 2013.

MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Claudio São Thiago. Benzedeadas e benzedeados quilombolas-construindo identidades culturais. *Interações*, Campo Grande, v. 19, p. 3-14, 2018.

MOREIRA, Neiva Marinho; WOLFF, Juçara Nair. Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiências das mulheres benzedeadas em Xaxim. *Revista Cadernos do CEOM*, v. 14, n. 13, p. 157-182, 2001.

MOURA, Elen Cristina Dias. Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. *Mneme-Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, 2011.

NASCIMENTO, Adna Souza *et al.* Pesquisa Científica e a Construção do Conhecimento: Possibilidade e Prática ou Utopia?. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2013.

NASCIMENTO, Luiz Paulo; SILVA, Giselda Shirley. Patrimônio e Cultura: a arte de benzer em Paracatu. *Humanidades e Tecnologia (FINOM)*, v. 16, n. 1, p. 361-374, 2019.

NERY, Vanda Cunha. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. *In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISAS DA INTERCOM*, v. 6, 2006. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/lista\\_resumos.htm](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/lista_resumos.htm). Acesso em: 10 mar. 2022.

NOGUEIRA, Léo Carrer *et al.* O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas: o caso do município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. *Eliséé: Revista de Geografia da UEG*, v. 1, n. 1, p. 167-181, 2012.

PORTUGUAL, Fernando. **Rezas, folhas, chás de Rituais dos Orixás**: Orixás folhas, sementes, frutos e raízes de uso litúrgico na Umbanda e no Candomblé com uso prático na medicina popular. São Paulo: Ed. Tecnoprint, 1987.

RATINAUD, P. **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer Software] (2009). Disponível em: <http://www.iramuteq.org>.

ROCHA, Luanna dos Santos *et al.* **“Eu te benzo, eu te curo”**: saberes e práticas de benzedeadas de Maceió-AL. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UNEAL, Alagoas, 2014.

SILVA, Juliani Borchardt. **Benzimentos**: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões-RS. 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas,

UFPEL, Pelotas, 2014.

SILVA, Maria da Conceição; FARINHA, Allyne Chaveiro. As benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadas renovada. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 13, p. 73-91, 2012.

SIQUEIRA, André Boccasius. Etnoconhecimento de benzedeadas e rezadeiras: resistência ao tempo e à tecnologia. **Revista Húmus**, v. 11, n. 25, p. 119-132, 2021.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Benzedeadas em vias de extinção na Ilha da Magia. **Métis: história & cultura**, v. 17, n. 34, 2018.

SOUSA, Maria Clara *et al.* Cura pela Fé: As Benzedeadas do Cariri Cearense. **Revista de Psicologia**, v. 15, n. 54, p. 323-332, 2021.

Recebido em 16 de março de 2022.

Aceito em 22 de março de 2023.